

Quando fizemos a chamada para este número temático da *Signum: Estudos da Linguagem*, apontamos que nos últimos anos a sociedade brasileira vem vivenciando grandes desafios na educação, seja pelas políticas propostas pelas autoridades educacionais, seja pelas limitações impostas pela pandemia da Covid-19. Em meio a incertezas e conflitos, pesquisadores do ensino de línguas têm se posicionado a favor de uma formação crítica que nos permita transcender as limitações institucionais. Estudos da linguagem vêm avançando nessa direção, com fortalecimento de abordagens transdisciplinares que buscam construir entendimentos sobre o que é ‘ensinar’ línguas e como a educação docente pode ser (re)pensada a partir das realidades e das demandas educacionais. Estabelecem-se, assim, diálogos com compromissos de um ensino e de uma educação linguística engajada, pelas lentes de uma linguística aplicada politicamente mais responsável.

De fato, o momento histórico que vivemos ao mesmo tempo que traz esperança de avanços no campo educacional, também nos convida a ter cautela, entendendo a fragilidade das conquistas. “É preciso estar atento e forte”, nos alerta o artista. Afinal, temos testemunhado posicionamentos na contramão da crítica sempre necessária por quem se educa para transformar um mundo injusto e desigual. Por isso mesmo é cada vez mais urgente realizar projetos que fortaleçam atores no campo educacional para que, concebendo a linguagem como prática social, contribuam para a formação cidadã, sensível às diferenças, porém engajada em compreender como elas são produzidas e como hierarquias desumanizadoras podem ser superadas.

Atenderam ao nosso chamado autores de trabalhos que dialogam com essa possibilidade. No artigo “Ética em educação linguística: sementes coloniais, flores decoloniais”, Egido e Furtoso relatam um projeto de pesquisa de doutorado, realizado pelo primeiro autor sob orientação da segunda, cujo foco original era a elaboração de uma minuta de um código de ética escrito para professores brasileiros de línguas. O projeto, inicialmente concebido para elaborar tal minuta à luz de algumas perspectivas éticas de origens europeias, no decorrer da geração com os participantes da pesquisa, evidenciou que a visão de mundo centrada na Europa não abordaria adequadamente as lutas e necessidades de professores brasileiros de línguas. Duas instâncias de sementes coloniais que se tornaram flores decoloniais são, então, introduzidas. O artigo traz à luz questões importantes como, por exemplo, a alta competitividade que marca a academia e termina com questões reflexivas a serem respondidas de forma local e criativa por estudiosos e professores da área da educação linguística.

Para além da racionalidade que marginaliza as emoções e subjetividades produzidas no âmbito escolar, dois textos tratam do afeto e amor. Ana Maria Ferreira Barcelos revisa alguns estudos internacionais que tiveram como foco o conceito do amor na educação dentro de uma perspectiva crítica. Em um primeiro momento, a autora traça um panorama da crise atual na qual nos encontramos, e que torna ainda mais importante falar sobre amor. Em seguida, discute seis estudos que investigaram sobre o conceito de amor dentro da abordagem crítica (no contexto norte-americano). A autora conclui sugerindo reflexões e implicações para a prática e resumindo os principais elementos de uma abordagem crítica do amor revolucionário para a formação e professores e para o ensino e aprendizagem de línguas.

Em “Letramento crítico e afeto na educação linguística contemporânea: reflexões sobre propostas educativas na universidade”, Guilherme Jotto Kawachi, Cláudia Hilsdorf Rocha e Ruberval Franco Maciel discutem o potencial do afeto para a educação linguística em sua interface com o letramento crítico, a fim de favorecer o diálogo, a escuta corporificada e a esperança, mesmo em situações de conflito inerentes ao trabalho com a criticidade. Para isso, colocam em discussão os desafios da (sobre)vivência em tempos sombrios, marcados pelo poder destruidor de um vírus e pela força igualmente devastadora de uma necropolítica os quais são sentidos em diversas esferas da sociedade, com impactos significativos para a educação linguística contemporânea. Tendo em conta o cenário descrito, os autores apresentam uma sequência didática trabalhada em uma disciplina de

Língua Inglesa com alunos universitários, a qual parte de um texto literário para discutir racismo, afetividade e (falta de) esperança. Apontam, portanto, possibilidades críticas em um cenário de incertezas.

Questões práticas ligadas mais diretamente à sala de aula são tratadas no artigo “A produção de textos como forma de expressão e colaboração: reflexões sobre um projeto de escrita em turmas iniciais de alemão como língua adicional”, que tem como foco a colaboração na escrita tratada de modo crítico-reflexivo, permitindo a expressão individual. O artigo, de autoria de Marcell Aquino, apresenta uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem de alemão como língua adicional (ALA) por meio de projetos de produção escrita. A proposta foi desenvolvida com estudantes de uma turma inicial da Universidade de São Paulo (USP) durante o ensino emergencial durante a pandemia de Covid-19 e os resultados evidenciaram a importância de atividades de produção colaborativas com um viés crítico, como meio para possibilitar a expressão individual em ALA. A experiência com projetos de produção escrita enfatiza questões relevantes dentro de práticas sociais contextualizadas, permitindo um espaço de interação e um maior envolvimento no processo individual de aprendizagem de ALA em um ambiente crítico-reflexivo.

Um contexto que vem sendo abordado com mais frequência por pesquisadoras e pesquisadores na Linguística Aplicada é o de ensino de inglês para crianças, objeto de dois textos, que tratam de princípios para esse ensino e de um mapeamento de estudos. O desafio de tratar a criticidade nesta etapa de escolarização é discutida no artigo “O ensino de inglês para crianças de até seis anos: relatos sobre a América do Sul e o Brasil”. Nele, são apresentadas diferentes realidades sobre as práticas de ensino de inglês para crianças de até 6 anos, com exemplos de diferentes partes da América do Sul, e estados brasileiros. Entende-se que, por possuírem características comuns, os países (também estados e cidades) envolvidos no estudo podem se estruturar em rede de apoio, compartilhando suas conquistas e fragilidades. As autoras consideram que, em função da escassez de oferta e de estudos sobre esse assunto, torna-se necessário abordar o ensino de línguas para crianças de outras faixas etárias. A lacuna de conhecimento reforça a necessidade de se discutir a temática e o viés dos resultados, que apontam para a rede privada de ensino como cenário central para essa prática, e traz à tona a relevância da implementação de políticas públicas para a democratização do acesso como parte de uma agenda crítica no ensino de inglês.

Por outro lado, o artigo “Uma visão de língua como prática social: princípios para o ensino de línguas adicionais para crianças” pauta-se na visão de língua como prática social e traz uma proposta de princípios para planejar propostas em língua adicional para crianças: (a) a participação em práticas sociais na infância; e (b) a constituição do repertório a ser mobilizado a partir da prática social em foco. Tais princípios estão em consonância com os conceitos de língua adicional e repertório e têm por objetivo uma reorganização do modo de conceber e planejar o ensino de línguas na e para a infância.

Finalmente, Rayssa Mesquita e Júlia Raposo Larré tratam de uma perspectiva que vem ganhando força por sua capacidade de provocar mudanças no modo como concebemos língua e linguagem. Em “Translinguagem na educação superior: por uma educação linguística crítica que valorize a voz do estudante”, as autoras discutem a funcionalidade discursiva da translinguagem no contexto de alunos universitários estudando Português como Língua Adicional no programa *Portuguese Flagship Program* da University of Georgia (UGA/EUA). Os dados fazem parte de pesquisa de doutorado e foram coletados por meio de metodologia crítico-colaborativa. A análise dos dados aponta que a translinguagem apresenta-se como um relevante recurso pedagógico, exercendo um importante papel em áreas complexas e interdependentes da vida do aluno, quais sejam: áreas social, acadêmica, linguística e pessoal.

Completa este número a resenha da obra “Educação linguística em línguas estrangeiras”, publicada por Pontes Editores em 2018. Ana Paula de Lima e Patrícia Helena da Silva Costa consideram que a coletânea, além de problematizar o sentido de crítico e multiletramentos, traz relatos de experiências em diferentes contextos educacionais, enfatizando a importância e a viabilidade de tais práticas na escola e na formação de professores de línguas.

Com esse tom esperançoso, os textos aqui oferecidos provocam reflexões sobre como pesquisadoras e pesquisadores no campo da Linguística Aplicada têm buscado se apropriar de perspectivas críticas no ensino e na formação docente. Observa-se sensibilidade para as relações humanas mediadas pela linguagem e a necessidade de construção de subjetividades sensíveis e engajadas com questões sociais como possibilidade de enfrentamento a retrocessos.

Esperamos que a leitura seja provocadora de outras contribuições para uma agenda crítica de ensino-aprendizagem de línguas no contexto brasileiro.

Londrina, agosto de 2022.

*Juliana R. A. Tonelli*

*Telma Gimenez*

*Fernanda C. Liberali*

Organizadoras